

#03



# O BRASIL NA AGENDA DE CLIMA



# #CAFÉ NO CLIMA

Discussões propositivas sobre Mudanças Climáticas, Mobilidade de baixas emissões e Economia para um futuro sustentável

Este documento é resultado da terceira edição do **#CaféNoClima**, realizado no dia 08 de outubro de 2019. O **#CaféNoClima** é um encontro informal entre especialistas de diversos setores com o objetivo de trazer insights e inspiração para a questão da crise climática, mobilidade de baixas emissões e desenvolvimento urbano sustentável a partir de experiências e percepções pessoais dos convidados e convidadas.

O Brasil ocupa hoje a **7ª posição no ranking** dos países mais poluidores do mundo (SEEG 2017) e as conversas propostas pelo **Café** têm entre os principais objetivos buscar caminhos possíveis para manter o Brasil comprometido com o **Acordo de Paris** e no combate ao aquecimento global, envolvendo atores que atuam em governos, iniciativa privada, pesquisadores e acadêmicos. Entendemos que é fundamental aproximar essas pessoas e suas atuações com a **sociedade civil organizada** para conseguirmos avançar em discurso, referências, narrativas e, claro, na prática.

O tema deste terceiro encontro foi **O Brasil na agenda de clima**, tema escolhido pela proximidade da realização da **25ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro da Organização das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP-25)**, que aconteceria na América do Sul, na capital do Chile, Santiago,

em dezembro de 2019, antes de ser transferida para Madri, na Espanha por causa dos protestos que tomaram conta do Chile desde meados de outubro. Além disso, queríamos saber mais sobre a **Cúpula do Clima**, realizada em Nova York, e sobre a **maior greve climática da história** até o momento convocada por jovens do mundo todo, eventos que aconteceram em setembro de 2019.

Convidamos para tomar café com a gente três pessoas incríveis que atuam na área no Brasil para nos contar a partir de suas perspectivas o que vêem e o que pensam sobre o que o governo brasileiro nos diversos níveis está fazendo ou deveria estar fazendo em relação à crise climática e sobre as greves pelo clima, entre outros assuntos. As falas dos participantes foram levemente adaptadas para possibilitar fluidez no texto escrito.

*\* As falas dos participantes foram levemente adaptadas para possibilitar fluidez no texto escrito.*



# ISABELLA PRATA

Mentora e consultora de empresas e profissionais independentes para inovação e novas formas de geração de economia. Dedicar-se a pesquisas nas áreas de sustentabilidade, direitos humanos, nova economia e cultura contemporânea. Além de consultora, é também membro do board do Berggruen Museum de Berlim, do comitê da ACNUR, órgão da ONU para refugiados, e da organização Famílias Pelo Clima, ligada ao movimento Fridays For Future Brasil. É a fundadora da Escola São Paulo de Economia Criativa.



*“Os pais têm que facilitar as escolhas dessas crianças e aí nasceu um coletivo que se chama Parents for Future e que no Brasil se chama Famílias pelo Clima. Somos ligados ao movimento global, nós temos reuniões todas as semanas que, às vezes, participam pessoas de 23 países distintos para a gente conversar sobre o que está acontecendo de acordo com as demandas dos Fridays (crianças e adolescentes). A gente escuta o que eles trazem como solicitação, para facilitar o que é possível, porque eles são menores de idade.”*

*“Quando a gente está falando de clima, e de vários outros pontos, como gênero, desenvolvimento sustentável, a gente está, querendo ou não, pautando uma mudança de comportamento e de sistema que não foram colocadas para nossos pais, nossos avós. É uma ideia moral muito difícil de ser quebrada em todos os sentidos. A gente precisa entender esse engajamento de 3 formas: a individual; isso de você se entender como transformador; fazer alguma coisa, pautar na escola um processo coletivo, mas não são as únicas coisas que eu acho que devem ser feitas. E aí, por isso que eu acho que o terceiro é fundamental também que é a parte política. Movimentos como esse, Fridays for Future são movimentos políticos e a gente está dentro de um sistema político. Não vamos mudar os processos se não ocuparmos esses espaços. A gente tem depois do boom do Fridays for Future na Europa, o Parlamento Europeu tendo ambientalistas como o quarto grupo mais votado, pela primeira vez na história. Temos que cada vez mais trazer isso pro Brasil. Ano que vem é ano de eleição, a gente tem que colocar gente que a gente acredita, que traz brilho nos olhos.”*

# IAGO HAIRON

Cientista social e militante climático apaixonado por qualquer movimento que nos conecte com a natureza. Atualmente é vice presidente da Plant For The Planet no Brasil e um dos coordenadores gerais do Engajamundo, rede de jovens que tem como missão conscientizar o jovem brasileiro de que mudando a si mesmo, seu entorno e se engajando politicamente ele pode transformar sua realidade.





## **NATHALIE BADAOU**

Especialista em cooperação internacional para cidades. Trabalha na rede de megacidades C40 Cities Climate Leadership Group onde atua como assessora para a Cidade de São Paulo na elaboração de seu Plano de Ação Climática. Sua experiência prévia inclui a coordenação de projetos para fortalecimento de capacidades de governos locais em planejamento urbano e inovação junto ao Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-Habitat), ao Governo do Estado de São Paulo e à Prefeitura da Cidade de São Paulo.

*“Pela minha experiência de internacionalista, internacionalização de cidades e desenvolvimento urbano, tem um vácuo do governo federal e não só no Brasil. Desde que Trump anunciou que os Estados Unidos iam sair do Acordo de Paris, o próprio prefeito de Nova York se posicionou contra e disse que a cidade de Nova York iria honrar seu compromisso. Tem um pouco desse vácuo político, quando os prefeitos não vêm no nível federal essa agenda sendo endereçada. No entanto, temos também presenciado um movimento crescente das cidades no diálogo internacional, é algo que tem crescido nos últimos 30 anos. A gente vive num mundo cada vez mais descentralizado. Então, hoje, se a gente olha para os grandes países do mundo, os governos estão descentralizados, as cidades com cada vez mais responsabilidades e são as cidades que vão ter que lidar com as mudanças climáticas no dia-a-dia.”*

# MACROTEMAS

Durante o encontro sete macrotemas norteadores foram abordados pelos convidados. Confira a opinião de cada um deles.

***Os diálogos e as negociações multilaterais sobre mudanças climáticas***

***Governo Brasileiro***

***Governos Subnacionais e a política de clima***

***O desafio das cidades***

***Jovens e ativistas***

***Manifestações***

***Educação Climática***



## MACROTEMAS

# Os diálogos e as negociações multilaterais sobre mudanças climáticas

“O que nos coloca nesse momento é o sistema que estamos envolvidos, que é o sistema capitalista, consumista, porque quando falamos de mudanças climáticas estamos falando de emissões provocadas pela humanidade, em decorrência da Revolução Industrial. (...) ou a gente decide criar um novo sistema ou a gente vai solucionar os problemas dentro do próprio sistema, e é isso que a ONU faz.”

– **Iago Hairon**

“Até 2010, 2011, mudanças climáticas era um tema importante, mas não estava afetando tanto a economia. Quando a mudança climática começou a afetar a economia de forma direta e percebeu-se que estavam perdendo dinheiro, lembro de uma fala em 2014, na COP-20, em Lima, da vice-presidente do Banco Mundial, ela disse ‘vocês têm que parar de pensar que estamos em uma conferência sobre mudanças climáticas, a gente está em uma conferência sobre econo-

mia global’. Os governos não ligam que tem gente morrendo, eles se importam com os milhões que estão perdendo porque a gente está solucionando um problema dentro desse sistema, que é o sistema capitalista que só está olhando para o lucro.” – **Iago Hairon**

“A discussão principal dentro da Conferência de Clima são as responsabilidades comuns porém diferenciadas. Por que os países demoraram tanto tempo para fechar o Acordo de Paris? Porque o Brasil tem uma responsabilidade totalmente diferente dentro de uma cadeia global do que os Estados Unidos. Os países desenvolvidos têm uma responsabilidade histórica porque a poluição no mundo foi causada por eles. O processo de decisão é por consenso dentro da ONU. Ficamos 20 anos discutindo porque Butão não vai assinar o mesmo compromisso que dá a mesma responsabilidade que os EUA.”

– **Iago Hairon**

*“Entrando na COP-25, estamos em 2019 e em 2020 começa a valer o Fundo Climático Verde (GCF), que foi criado em 2009 como uma das soluções para resolver essa preocupação de como os países em desenvolvimento vão conseguir continuar na economia, porque não vamos sair do sistema capitalista. O acordo de 2009, em Copenhague, foi criar um fundo que, a partir de 2020, vai ter US\$100 bilhões cada ano para os países em desenvolvimento poderem criar medidas de ação de adaptação, mitigação às mudanças do clima. Os países em desenvolvimento não têm as mesmas capacidades de transformação e de transição que os países desenvolvidos têm.” – **Iago Hairon***

# MACROTEMAS

## Os diálogos e as negociações multilaterais sobre mudanças climáticas

“Por que o Acordo de Paris deu certo? A ONU ficou 20 anos nessa lógica de colocar uma meta para os países seguirem e vamos ver se vai dar certo. Isso que foi feito com o Protocolo de Quioto e não deu tão certo. (...) A Izabella Teixeira<sup>1</sup> teve um papel muito forte nisso que foi falar que não íamos chegar em um acordo se a ONU colocar uma meta, a gente precisa ver quanto cada país tem capacidade de reduzir suas emissões até 2025 e até 2030. O Acordo de Paris é basicamente isso. Todo mundo em uma mesa, foi para um bar, bebeu um monte de cerveja e aí no final cada um deu um pouquinho para pagar a conta, só que a conta não fechou, como nunca fecha no bar, sempre tem alguém para pagar mais. Então, nesse caso, quem está pagando mais são os países em desenvolvimento. E é exatamente isso que aconteceu e essa é a dificuldade de falar de clima a nível global.” – **Iago Hairon**

*“Falando do ponto de vista das capitais, e também um pouco da experiência da C40 nas 4 cidades brasileiras e 9 cidades latino-americanas, o que falta na discussão é quem faz o que e quando. A Greta não é a primeira adolescente que subiu ali na ONU para falar que é urgente fazer algo, já na Eco-92, a gente teve a Severn Suzuki também trazendo isso e fiquei pensando o que mudou ou quais são as oportunidades que a gente tem hoje, de que novo engajamento a gente está falando para essa juventude? O que muda? Os relatórios do IPCC trazem a urgência do problema, a gente tem pela primeira vez uma maior facilidade de mobilização pelas redes sociais para o bem ou para o mal, mas a gente tem que entender quem faz o que e quando, o que a cidade pode fazer desde agora, o que o estado pode fazer desde agora, o que o governo federal pode fazer desde agora, o que eu como indivíduo posso cobrar de cada uma dessas esferas é uma discussão que está faltando ainda.” – **Nathalie Badaoui***

<sup>1</sup> Ministra do Meio do Ambiente do Brasil em 2015.



## MACROTEMAS

### Os diálogos e as negociações multilaterais sobre mudanças climáticas

“É interessante falar que desde a COP-25 foi decidida, ela foi considerada uma COP de transição. Quando uma COP é fraca, chama-se ela de COP de transição. Isso significa que não serão fechados acordos super importantes na COP, mas o que, na minha opinião vai acontecer, é que as Greves pelo Clima e a Cúpula do Clima de Nova York colocaram a discussão climática em um outro patamar. Antes de acontecer a Cúpula do Clima em Nova York, achava-se que Nova York seria mais importante que a COP-25. Quando se percebeu que Nova York foi um fracasso, as pessoas estão colocando muitas esperanças no Chile. Digo fracasso porque os países apresentaram as mesmas metas do Acordo de Paris, não falaram nada de novo ou ambicioso. Então tem uma necessidade mesmo por parte da sociedade civil de mais ambição, então terá muita pressão de mídia, das greves. Vai ter muita gente dentro da COP fazendo lobby para os países aumentarem as ambições das suas NDCs. É o último ano antes da implementação do Acordo de Paris começar. Acredito também que haverá muita discussão sobre financiamento porque em 2020 começa a valor o Fundo Climático Verde, que tem que ter US\$ 100 bilhões e, se não me engano, tem US\$ 12 bilhões em 10 anos. Estou muito curioso para ver como isso vai se desenrolar e como principalmente os países desenvolvidos vão começar a por dinheiro.” – **Iago Hairon**

*“O Brasil era o único país que credenciava a sociedade civil e levava delegações de 900 pessoas. Nenhum país do mundo faz isso. É muito difícil conseguir credencial de governo. Dos males, o menor, porque não é a única credencial; a credencial de governo é apenas uma das que entram na conferência. O que acontecia em anos anteriores era que a gente podia entrar em salas específicas de negociação, ter contato mais direto com alguns negociadores, mas que não muda muito. O processo das COPs é um espaço muito fechado, os negociadores vão tomar café onde a gente vai estar tomando, vão comer no mesmo lugar que a gente. Então, entrar em contato com eles é muito mais fácil nesses espaços internacionais.” – Iago Hairon*

# MACROTEMAS

## Os diálogos e as negociações multilaterais sobre mudanças climáticas

“Na Cúpula do Clima em Nova York (setembro 2019) havia mais de 102 regiões, governos regionais e cidades, 93 empresas e 12 grupos investidores na cidade.”

– **Nathalie Badaoui**

“Vamos falar em plenárias. Como governo a gente nunca fala, a gente não tinha o direito de falar como governo, só tínhamos a credencial para entrar em determinados espaços, mas nunca pudemos falar em nome do governo. A gente faz parte de coalizões, como a YOUNGO, que é a constituency de jovens dentro da COP, e aí a gente tem 2 minutos de plenária por dia, então conseguimos falar na plenária principal da Conferência e esses espaços vão continuar existindo.”

– **Iago Hairon**

*“Hoje quem mais fala de desigualdade social, mudanças climáticas e os riscos que as duas coisas trazem tanto para nossa economia quanto sociedade é o próprio Fórum Econômico Mundial. Precisamos pautar a discussão sempre pensando em quem ganha e quem perde com as mudanças climáticas e com as soluções que estão previstas. Algumas soluções talvez não vão beneficiar a todos, alguns poucos recursos serão investidos para se adaptar às mudanças climáticas e onde a gente vai fazer esses investimentos é importante, tanto ‘onde’ mundialmente e também ‘onde’ nas nossas cidades. Falar de mudanças climáticas sem a gente falar de desigualdade e equidade, das pessoas que realmente mais sofrem com os efeitos das mudanças climáticas não tem como avançarmos nessa discussão. Como podemos por meio da agenda climática realizar uma série de outros objetivos de desenvolvimento sustentável, os chamados co-benefícios é muito importante.”*

– **Nathalie Badaoui**

“Eu acompanho há 13 anos as conferências de clima e o Brasil sempre teve historicamente uma posição muito progressista dentro das conferências, até mais que qualquer outro país do mundo. Só que também era uma discussão até nossa internamente aqui no Brasil como o país se colocava no exterior e internamente, porque o país era lindo dentro de uma conferência da ONU, mas chegava aqui, ele não implementava nada do que dizia. Trazendo um exemplo, o Brasil se glorifica por ser um país de energia limpa por causa das hidrelétricas, mas tem todos os problemas de Belo Monte e todos os outros processos de novas hidrelétricas na Amazônia. Então, é um discurso internacional muito bom que até ano passado era um discurso que dialogava com algumas práticas do governo de implementação a nível local, mas com o novo governo, o discurso não vale tanto mais assim.” – **Iago Hairon**

*“Os Estados Unidos tem uma posição contrária nas negociações. Ele tem um posicionamento interno: eu vou falar contra mudanças climáticas e trava negociações importantes. O Brasil fala contra mudanças climáticas, trava negociações importantes e na mídia fica dizendo que não está travando, que continua maravilhoso.” – Iago Hairon*

“O Ministério do Meio Ambiente cortou 94% da verba para mudanças climáticas, minando a ação do novo governo na pauta de clima.” – **Iago Hairon**

“No governo Bolsonaro, o pouco que se está falando de clima é por causa do setor agropecuário, porque esse setor está dentro do sistema internacional que está olhando para as metas de clima e a nível internacional o Brasil fica queimado com isso e vai perdendo dinheiro. Mas estamos falando do mínimo a ser feito.” – **Iago Hairon**

# MACROTEMAS

## Governo Brasileiro

*“O governo tem muito interesse em proteger algumas empresas, por lobby, por arrecadação e por uma ignorância mesmo. Durante anos, ninguém via a agropecuária como danosa para o meio ambiente. Hoje que estamos vivendo uma emergência climática e estamos apontando esse setor como um dos causadores, os esforços deveriam estar dedicados a conversar sobre o que vamos fazer, ter um diálogo com esses produtores, com os bancos, e aqueles que têm interesse em manter seus privilégios. Os esforços deveriam estar dedicados a conversas sobre como passar por essa transformação.”*

**– Isabella Prata**

“Existe um lobby institucional dentro do governo federal. A gente tem o plano Safra que dá incentivo para a agropecuária no Brasil e o plano ABC (Agricultura de Baixo Carbono). O plano ABC foi totalmente esquecido ao longo dos anos, desde o governo Dilma o orçamento para o Plano ABC vem diminuindo a cada ano. É um orçamento ínfimo, em contrapartida, o orçamento para o plano Safra só vem aumentando e a gente precisa entender quais são as diretrizes para o plano Safra, o que esse plano vem fazendo, quais são as tecnologias que são incentivadas com o orçamento público. Estamos falando de R\$200 bilhões anuais que pode estar sendo investido para uma forma de produção ou outra.” – **Iago Hairon**

“Quando a gente diz que nosso governo é um governo burro é porque ele está pensando a muito curto prazo. O nosso Ministro do Meio Ambiente, quando ele faz as escolhas que ele faz, ele não sabe em que planeta que ele vive, ele não sabe quais são os danos que ele e os filhos dele já sofrem por essas questões.”

**– Isabella Prata**

## Governos Subnacionais e a política de clima

*“Esse vácuo de governos nacionais, em geral, têm trazido as cidades para a mesa, mas não é algo novo. O papel das cidades vem aparecendo dentro das grandes declarações internacionais relacionadas a clima e desenvolvimento sustentável desde 1972, quando um parágrafo do documento final da primeira conferência da ONU sobre Meio Ambiente fala sobre o planejamento das cidades e urbanização para maiores ganhos sociais, econômicos e ambientais.” – Nathalie Badaoui*

“Quando a gente pega os planos de ação climática, já são 11 cidades que têm plano de ação climática pela C40 já aprovados e são planos alinhados com as ambições do Acordo de Paris, nem todas as cidades têm todas as respostas, as cidades não podem fazer tudo sozinhas. Na C40, a gente fez um estudo “Prazo 2020”<sup>1</sup> que mostra que as cidades sozinhas conseguem já fazer 5% das ações que são necessárias para elas ficarem dentro do seu orçamento de carbono, em termos de mitigação de emissões. Então, 5% são ganhos rápidos que a cidade já pode fazer. Como repensar as cadeias de alimentação na cidade? Como pensar em uma economia circular para os alimentos?

Compostagem desses resíduos? Isso tudo são ganhos rápidos que cidades do mundo inteiro já podem fazer. Aí a gente já entra em uma outra seara de ações que vão demandar uma maior conexão com outros níveis de governo. Para a gente mexer na mobilidade de uma cidade tão complexa como São Paulo, não adianta só a prefeitura aprovar a lei para descarbonizar toda a frota. Isso é um grande passo, São Paulo está sendo referência no mundo, mas não vai depender só da cidade. Como Estado e Prefeitura vão se organizar para melhorar a mobilidade urbana na cidade? Finalmente, a gente entra no nível federal. Ok, Prefeitura e Estado vão fazer tudo que é possível, mas se não descarbonizar a matriz energética, tudo que a prefeitura fizer não vai adiantar. Não adianta ter visão muito clara no nível local, se no nível federal a NDC2 não andou e a gente não vai ter a descarbonização da nossa matriz energética. O que a gente tem que cobrar de cada nível, o que dá pra fazer hoje e como a gente consegue juntar essas demandas agora mobilizando muita gente, mas também garantindo que a gente não se perca no debate e comece já a olhar ações muito pragmáticas que a gente possa fazer.”

– Nathalie Badaoui

<sup>1</sup> [https://www.c40.org/other/deadline\\_2020](https://www.c40.org/other/deadline_2020)

<sup>2</sup> Contribuição Nacionalmente Determinada

# MACROTEMAS

## Governos Subnacionais e a política de clima

*“Eu vou ecoar as palavras da Patricia Espinosa, que é a secretária-executiva da Convenção-Quadro da ONU sobre Mudança do Clima. Ela fala que a batalha vai ser ganha ou perdida nas cidades. De certa forma, temos vistos isso nos últimos eventos.” – Nathalie Badaoui*

“Algumas tendências que a gente tende a observar desse evento ser feito na América Latina e uma atuação forte da C40 na região é a questão dos transportes urbanos. Acho que a gente tende a observar uma participação de prefeitos grande. Do ponto de vista do governo federal, era uma conferência para acontecer aqui e, já em dezembro de 2018, foi passada para o Chile porque o governo não quis receber a conferência. Do ponto de vista das cidades, tendemos a observar essa grande participação delas e 2 agendas que tendem a ganhar destaque é a questão de transportes na América Latina, principalmente porque a C40 tem tocado um projeto que se chama ZEBRA na região, que é Zero Emission Bus Record Acceleration, em outras palavras, como acelerar a implementação rápida de ônibus zero emissões. Esse projeto está acontecendo em São Paulo, Medellín,

Santiago e Cidade do México, apoiando as cidades a facilitar a implementação de veículo zero emissões. Por que estamos falando de transporte público? Porque são cidades onde o transporte público já é muito utilizado e onde tem uma oportunidade, então pode ser um tema que venha a permear as discussões, do ponto de vista das cidades. Essa COP traz um elemento também de fortalecimento de capacidades das cidades para implementar a agenda climática. A gente sabe que as cidades não têm todas as capacidades à sua disposição, estão construindo essas capacidades, então a questão de dados e como melhor orientar a ação climática no nível da cidade também tende a ser talvez um tema de interesse das cidades nessa COP, isso do ponto de vista dos governos subnacionais.”

– **Nathalie Badaoui**

# MACROTEMAS

## Governos Subnacionais e a política de clima

“Saindo da seara governamental federal, a gente tem um grande desenvolvimento a nível estadual e municipal. Essa é a minha sensação quando eu saio da Climate Week (Salvador, agosto de 2019), a gente vê prefeitos muito engajados, que nem estavam pautando o tema e que agora começam a olhar para o assunto. Minha esperança, nesse momento vem daí.” – **Iago Hairon**

“Em um grande evento que, de certa forma, era para ser um ‘esquenta’ para a COP, a gente vê que os países-membros não vieram com grandes compromissos mais ambiciosos ou audaciosos que as NDCs já apresentadas, o próprio governo brasileiro não falou, não participou. Quando a gente olha para a Climate Week em Salvador, onde a C40 esteve presente com sua representação regional, a grande fala final do evento foi dos prefeitos. A fala do prefeito Bruno Covas ficou muito presente na mídia, que a questão ambiental não é de direita nem esquerda.” – **Nathalie Badaoui**

*“IPCC já pontua: as grandes ações têm que ser feitas até 2030. Na C40, as cidades têm que fazer os planos até 2020. Então, elas têm que terminar esse plano, não será o plano mais perfeito do mundo. As cidades que já têm os planos aprovados, Londres, Nova York, elas têm uma série de ações condicionadas ao nível nacional. A gente começar a entender essas condições e a cobrá-las de governos locais e subnacionais me parece uma urgência no momento nesse debate.” – Nathalie Badaoui*

# MACROTEMAS

## O desafio das cidades

“Não é simplesmente um vácuo de liderança política nacional, mas a gente tem mais e mais uma grande responsabilidade das cidades, em prestar serviços. É o primeiro local onde o cidadão tem contato com o governo, então sua demanda mais básica está ali, então, a gente vê, principalmente no Brasil, uma descentralização cada vez maior de responsabilidades, enquanto a gente não tem capacidades, nem técnicas, nem financeiras para as cidades honrarem todos os serviços que elas têm que prestar aos seus cidadãos. Esse boom de prefeitos e governadores bebe desse vácuo, mas também da grande responsabilidade que eles têm de garantir serviços básicos em um momento de crise econômica, em um momento que a gente vê cada vez mais inundações, enchentes...Está na mídia, a gente sabe que estão aumentando os desastres, então essa resposta vem combinada com esse movimento de liderança de cidades nessa agenda de desenvolvimento sustentável.”

– **Nathalie Badaoui**

*“Como a gente repensa o setor público frente à crise climática? Duas agendas têm se colocado para o setor público mundialmente, quando a gente fala de política pública atualmente, mais e mais, estamos olhando para o cidadão. O cidadão não quer mais saber se é a secretaria de Meio Ambiente que faz tal coisa, ou se é a Habitação que vai fazer tal coisa, qual é a responsabilidade de quem; o cidadão quer uma resposta ao problema e a emergência climática traz assim mais e mais essa frustração do cidadão não conseguir entender quais são os canais para isso. Quando a gente fala de clima e planos de ação climática, o grande desafio que a gente coloca aqui para as cidades é como você integra a dimensão climática no fazer da política pública como um todo. Isso é muito difícil quando a gente ainda tem um poder público, não só no Brasil, mas qualquer outra cidade do mundo ainda se organiza muito em caixinhas, onde a decisão de mobilidade não fala com a decisão de habitação.” – Nathalie Badaoui*



# MACROTEMAS

## O desafio das cidades

“Uma coisa que eu sinto falta nesse debate é o que eu, na minha cidade, posso fazer? O que está acontecendo na minha cidade para que as mudanças climáticas já estejam me atingindo? Como é que a gente traduz esse discurso tão refinado, essas negociações tão complicadas, que não são uma realidade para muitos de nós? Como é que a gente democratiza essa informação com o que acontece no meu dia-a-dia? Como é que eu causo não só um alarme, porque isso, de certa forma, já está acontecendo, mas uma possibilidade de ação? Quando falamos das emissões diretas das cidades (transporte, resíduos e consumo de energia) estamos falando de mais ou menos 2.9 gigatoneladas de CO2. Quando a gente pensa no consumo dessas cidades, todas as cadeias de valor que estão inseridas, como roupa e carne consumidas pelos seus habitantes, isso sobe para 4.5 gigatoneladas, um aumento de 60% das emissões. É colocarmos como nós morando em São Paulo, a partir de nossas escolhas individuais, temos impacto em todo esse processo. Não para penalizar o indivíduo, mas para traduzir como nossas escolhas têm relação com agendas globais. Sinto falta dessa tradução para não tratar clima como algo longe, ou só sobre

a Amazônia, mas sobre o dia-a-dia, o que eu consumo, a maneira que me locomovo na cidade, o destino que dou ao meu resíduo. Isso tudo é um grande desafio para sociedade civil e para os governos locais para começarmos a traduzir essa linguagem em uma linguagem de cidadania mesmo, não estamos falando do clima como algo longe, mas da maneira como nossas cidades estão construídas e funcionam hoje.” – **Nathalie Badaoui**

*“O estado e a cidade de São Paulo há muito tempo têm uma boa política ambiental consolidada, tem quadros super capacitados, quando a gente olha o estado de São Paulo, a quantidade de produção de informação, de dados. Acho muito simplista falarmos que não estão preparados, talvez não estejam preparados para receber algumas demandas, faz parte desse diálogo encontrarmos caminhos juntos.”*  
– **Nathalie Badaoui**

# MACROTEMAS

## Jovens e ativistas

“Quando um jovem fala com um adulto, ele está contando de um mundo novo, ele está beneficiando também o adulto. Então é importante também o adulto se abrir para o diálogo, porque ele se beneficia, ele se renova. A tecnologia é um exemplo bem fácil para a gente compreender porque as pessoas mais velhas não sabem mexer com tecnologia, então eles têm que pedir para seus filhos ou netos como é que funciona, então já começa a acontecer um diálogo. Então, essas greves que foram impulsionadas por essa juventude, por essas crianças, por esses jovens, é a grande novidade desse momento atual. Nós sabemos que efeitos tiveram as manifestações dos anos 60 e do começo dos 70. Sim, foram significativas sim. Foram doloridas para muitos, mas muitas conquistas ocorreram naquele período.” – **Isabella Prata**

*“A manifestação não deve se limitar ao ir às ruas em tais datas. Os jovens podem se manifestar dentro das suas escolas, dentro de casa para fortalecer o discurso porque os políticos começam a se sentir incomodados quando eles recebem uma reclamação, quando eles lêem uma notícia no jornal, quando eles percebem que as pessoas estão mudando. Vocês são como uma pequena chama dentro de uma escola. Você pode começar a conversar com um colega no intervalo e aí junta mais um, mais outro, aí os professores vão conversando, aí chega na diretoria, até uma hora que a escola vai ter que fazer uma solicitação para a prefeitura. De repente, começa a chegar nas prefeituras, uma solicitação, duas, três, quatro escolas pedindo coleta de lixo reciclável, energia solar; pequenas coisas que estariam no âmbito de uma prefeitura, de um governo. Então, eles já começaram a sentir essa pressão e eles começam a perceber que dentro da estrutura deles, eles não têm especialistas nesse assunto.” – **Isabella Prata***

# MACROTEMAS

## Manifestações

“Não podemos deixar de acreditar que uma manifestação individual não faz sentido. Essas manifestações atraem atenção das pessoas para a causa. Na primeira greve chamada pelo Fridays for Future, de maio, tinham 80 pessoas na avenida Paulista e em setembro tinham praticamente 30 mil.” – **Isabella Prata**

“Ir para as ruas significa ver quem está do nosso lado, fazer barulho, criar incômodo na cidade, entrave no trânsito, empresas estão aderindo e começando a fechar suas portas. Está nascendo com isso também um negacionismo muito forte.” – **Isabella Prata**

*“Tem a Coalizão São Paulo pelo Clima e a galera vai fazer coisas para além da greve. Fazer formações em escolas é uma dica, é importante aproveitar o momento da COP para fazer formações para outros jovens sobre o que está acontecendo. Outra coisa para fazer não estando na COP é dar visibilidade para a produção de conteúdo já feita. Tem muita gente que vai para a COP só para produzir conteúdo, é importante consumir e compartilhar esse conteúdo. Pelo lado diplomático, se você quer acompanhar as negociações, tudo é transmitido pela TV ONU.”*

– **Iago Hairo**

“Na Europa, as greves pelo clima começaram a ficar fortes agora, mas o movimento de greve existe desde 2015, com o Acordo de Paris, que foi um tema muito forte na Europa em 2015. Mas, desde o início dessa década, estados nacionais começaram a fortalecer suas políticas de educação climática. A gente tem Noruega, Alemanha, Reino Unido pautando políticas educacionais que no ensino básico vão falar para as crianças o que é mudanças climáticas, o que é aquecimento global, como é que isso está nos afetando e aqui no Brasil, a gente não tem acesso a esse conhecimento e é um lobby forte que tem que ser feito dentro do Ministério da Educação, dentro do Ministério do Meio Ambiente. Agora, a gente tem um desafio novo com a reforma do Ensino Médio. Precisamos pensar em um currículo-base que inclua esses temas, para que essa geração seja formada e que entenda para além do voto ser influenciado por questões como segurança, habitação e saúde, também devem ser consideradas questões ambientais e climáticas, porque também estamos falando de moradia, saúde, segurança.” –

**Iago Hairon**

*“Para além dos processos de desenvolvimento individual, coletivo e político, a gente precisa criar campo para que essas futuras gerações tenham acesso a esse conhecimento de mudança de comportamento e entendimento de crise climática.” – Iago Hairon*

# PARA EXPLORAR MAIS

## **NDC brasileira**

[http://www.itamaraty.gov.br/images/ed\\_desenvsust/BRASIL-iNDC-portugues.pdf](http://www.itamaraty.gov.br/images/ed_desenvsust/BRASIL-iNDC-portugues.pdf)

## **COP-25**

<https://unfccc.int/cop25>

## **Fundo Climático Verde**

<https://www.greenclimate.fund/home>

## **Estudo C40 “Prazo 2020”**


[https://www.c40.org/other/deadline\\_2020](https://www.c40.org/other/deadline_2020)

## **Fridays for Future Brasil**

<https://fridaysforfuturebrasil.org/>

## **Engajamundo**

<https://www.engajamundo.org/>



**#CaféNoClima** é uma iniciativa da  
**Coalizão Clima e Mobilidade Ativa**  
financiada pelo Banco Itaú em 2019.

**Realização:**

Aline Cavalcante  
Brunno Carvalho  
Juliana Russar

O conteúdo completo está disponível  
em nosso canal do Youtube:  
[www.youtube.com/climaemobilidadeativa](http://www.youtube.com/climaemobilidadeativa)

Agradecimento à Amanda Costa,  
do Engajamundo.

**Mais informações:**

[contato@climaemobilidade.com](mailto:contato@climaemobilidade.com)  
[www.climaemobilidade.com](http://www.climaemobilidade.com)  
[@climaemobilidade](https://www.instagram.com/climaemobilidade)

Patrocínio

